A Relevância das Fontes Orais no Estudo do Fenômeno Imigratório.

Andréa Telo Da Corte[1]

I

De modo geral, o tema da emigração portuguesa tem merecido pouca atenção por parte dos nossos historiadores, tendência que começa lentamente a se reverter, e que tem como marco principal, no Brasil, a celebração dos 500 anos do descobrimento. Em particular no Rio de Janeiro, destaca-se a criação do Pólo de Pesquisa das Relações Luso-Brasileiras, cuja revista sinaliza a existência de novas linhas de pesquisa sobre o tema, agregando pesquisadores das mais diversas áreas[2].

Essas iniciativas ainda não são capazes de preencher o vazio existente na historiografia brasileira acerca desse tema, o que está relacionado à delicada questão da identidade nacional. Será que ainda não nos diferenciamos suficientemente dos portugueses para encará-los –os imigrantes—como objeto de estudo, livre das paixões étnicas? Ou será porque, conforme propõe Eduardo Lourenço, essa imigração prolonga *a presença colonizadora portuguesa no Brasil?(Lourenço, 2001).*

De toda forma o marco dos 500 anos vêm funcionando como lugar de reflexão sobre a formação do povo brasileiro, dando voz a todos os grupos étnicos que atuam no espaço que se entende como Brasil. Dessa maneira, aprimora-se o questionamento sobre o conjunto da imigração portuguesa e sua contribuição para a transformação do espaço e da sociedade brasileira.

Apesar disso, a historiografia brasileira, ainda não refletiu devidamente sobre o papel dos imigrantes portugueses na construção do espaço nacional brasileiro no período republicano.

Da mesma forma não avançou na análise da diferenciação interna dos imigrantes portugueses, desprezando os fortes apelos regionalistas presente nessa imigração, que são reveladores de diferenças internas contundentes, especialmente no caso de madeirenses e açorianos.

Por outro lado, uma série de questões são pouco desenvolvidas, entre elas, as estratégias de sobrevivência, o modo de adaptação e as formas de

---

[1] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense

[2] Revista Convergência Lusíada, n.19, Relações Luso Brasileiras, número especial, abril de 2002. RJ, Real Gabinete Português de Leitura, 2002.

inserção que estabeleceram no espaço urbano.Assim como, a análise dos traços identitários compartilhados e utilizados na definição de uma fronteira étnica interna, e também as formas como se relacionaram com os demais grupos sociais que se estabeleceram no país no mesmo período.

Uma rápida pesquisa bibliográfica pode respaldar estas questões. Num universo bibliográfico de 74 títulos específicos sobre o tema da imigração portuguesa, coletados dos dois lados do Atlântico, somente 12 textos referiam-se especificamente à emigração portuguesa para o Rio de Janeiro no período republicano, dos quais destacam-se os clássicos de Eulália Lobo e Gladys Sabina Ribeiro. (Corte, 2002) [3]

Desses, apenas 5 tratavam-se de dissertações de mestrados e/ou teses de doutorado, ocupando os demais o breve espaço de um artigo[4].

Note-se que todos esses trabalhos referiam-se à 1a. metade do século XX, e todos sem exceção consideravam o imigrante português como um todo sem diferenciação.

Ao tomar a imigração madeirense em terras fluminenses considerando sua especificidade no quadro geral da imigração portuguesa,

---

3 Essa pesquisa bibliográfica foi realizada por ocasião da elaboração da minha dissertação de mestrado, A Imigração Madeirense em Niterói. 1930-1990. Um Estudo de Caso. (Niterói, PPGH-UFF, 2002). A saber, Brito, Raquel Soeiro de. Agricultores e Pescadores na Cidade do Rio de Janeiro.Lisboa, Bertrand, 1960; Lima, Maria H. Beozzo de. A Missão Herdada. Um estudo sobre a Inserçãodo Imigrante português. Tese de Licenciatura. UFRJ,Museu nacional, 1973, mimeo; Lobo, Eulália. Imigração Portuguesa no Brasil. SP, Hucitec, 2001; Menezes, Lená Medeiros de. "Bastidores—um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro". In Revista Acervo, Arquivo Nacional, vol. 10, n.2, jul/dez. 1987;_____. " Jovens Portugueses: histórias de sucesso, histórias de trabalho, histórias de fracasso". In Gomes, Ângela de C.(org) Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro. RJ, 7Letras, 2000; Gomes, Arthur. Sob o Signo da Ambiguidade—configurações identitárias no espaço português do Rio de Janeiro. Campinas, Unicamp, 1991; Nogueira, Ana Maria de M. Como Nossos Pais: uma história da memória da imigração portuguesa em Niterói—1860-1950. Niterói, UFF, !998; Ribeiro, Gladys S. Cabras e Pés-de-Chumbo: os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930).ICHF,UFF, Niterói, 1987; Ribeiro, Gladys S. Mata-Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha. SP, Brasiliense, 1990. Silva, Maria Manuela. "Portugueses no Brasil—imaginário social e táticas cotidianas (1880-1895)" In Revista Acervo, Arquivo Nacional, V.10, N.2, Jul/dez de 1997. _____ Ambição e Horror a Farda ou a Saga dos Imigrantes Portugueses no Brasil segundo a Gazeta Lusitana (1883-1889). (Doutorado), FFLCH-USP, SP, 1991.
Certifico ao leitor que não esqueci o excepcional trabalho de Lená medeiro de Menezes Os Indesejáveis. Os Desclassificados da Modernidade. Protesto, Crime e ;expulsão na Capital Federal (1890-1930). RJ, Eduerj,1996. Ocorre que nesse breve balanço bibliográfico listo apenas os trabalhos que se dedicam exclusivamente ao tema da prresença portuguesa no Brasil.

4 Tratam-se dos trabalhos citados na nota anterior de Ana Nogueira (mestrado/1998); Gladys Ribeiro (mestrado/1987); Raquel Soeiro de Brito (doutorado/1960); Maria Helena Beozzo(mestrado/1973); Arthur Gomes(mestrado/1991)Ma. Manuela Silva , doutorado, 1991) Deve-se notar o largo espaço de tempo entre esses trabalhos.

e contemplando um período pouco visitado pelos historiadores do tema, a 2a. metade do século XX, pretendi contribuir para o preenchimento das lacunas apontadas. Dessa dissertação que remonta ao ano de 2002 a este 2005, não se registraram novos títulos.

A importante Revista Tempo publicada pelo Departamento de História da Universidade Federal Fluminense desde 1996 não contempla em nenhum dos seus volumes, a questão imigratória e as poucas referências aos imigrantes portugueses encontram-se num artigo sobre a definição da nacionalidade nos tumultuados anos do pós-independência[5].

Da mesma forma a Revista Toipos, do programa de pós-graduação em História Social da UFRJ, publicada desde 2000, não conta em suas páginas com artigos referentes à temática da imigração portuguesa.

Já o exame da produção acadêmica dos dois mais importantes programas de pós-graduação em História do Estado do Rio de Janeiro, da UFF e da UFRJ, de 1999 a 2005, registrou apenas três trabalhos sobre o tema, sendo que todos pela mesma universidade, a Federal Fluminense[6].

Diferente da produção acadêmica expressa nesse breve levantamento, o Real Gabinete Português de Leitura vêm desde 2001, através da criação do Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-brasileiras (doravante PPRLB), estimulando o desenvolvimento de pesquisas no âmbito dos estudos luso-brasileiros (Santos, 2002) representando, pois, o que há de novo nessa área[7]. O PPRLB, já realizou dois Colóquios (2002, 2004) e lançou duas publicações gerais sobre essas temáticas.

Não há dúvida que o PPRLB foi uma iniciativa importante, porém ao congregar um fichário de temas bastante amplos, que vão desde questões literárias à publicações e à sociedade, não representa o estímulo necessário para o desenvolvimento de um forte núcleo de pesquisa no Rio de Janeiro sobre o tema da imigração portuguesa, e está longe de influenciar a produção acadêmica local.

Embora esses dados não signifiquem um exaustivo balanço bibliográfico, o que não é possível nos limites desse trabalho, refletem de modo inconteste a existência de um problema—um suposto desinteresse manifestado pela

---

5 Trata-se de um artigo de Gladys Sabina Ribeiro, "Metáforas e Ações na longa luta pela liberdade: conflitos entre 'portugueses e homens de cor', corte do rio de janeiro, 1827-1834." no número 10, Dossiê Cultura e Movimentos Sociais, pp.97.

6 São eles, Nogueira, Ana Maria de M. Como Nossos Pais: uma história da memória da imigração portuguesa em Niterói—1860-1950. Niterói, UFF, !998 (mestrado); Côrte, Andréa Telo da . A Imigração madeirense em Niterói-193-1990. Um Estudo de Caso. Niterói, PPGH-UFF, 20002 (mestrado). Dados disponíveis na internet.

7 Dividido em 5 áreas temáticas, "Cultura e Sociedade", "Manuscritos e Autógrafos", "Migrações e Exílios", "Publicações e leituras" e "A Literatura no Brasil".

historiografia fluminense sobre o tema da imigração portuguesa, digo suposto porque acredito que isso escamoteie um conjunto de problemas significativos. A questão da invisibilidade do imigrante português é um deles.

Por um lado, alguns autores interpretam esse grupo como um grupo fechado, que pouco se mistura, mantendo-se fiel às origens, o que se traduziria como uma estratégia específica para por fim aos conflitos que a presença lusa provocaria, ao evocar a presença do colonizador.

Outros autores, na linha do luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, interpretam a questão da invisibilidade pelo pólo oposto, isto é, como uma perfeita adaptação do elemento português ao Brasil, dissolvendo-se as diferenças graças ao sucesso da colonização portuguesa, aos casamentos mistos e à semelhança da língua.

Tanto uma interpretação como outra evidenciam uma dificuldade em lidar com o elemento português, que em conjunto com italianos, espanhóis e outro grupos emigrados, empreenderam papel ativo no processo de modernização das cidades e da economia brasileira durante o século XX. Cabe, pois, fazer justiça ao lugar ocupado pelos portugueses nesse processo.

Outro problema que pode ser levantado ao lado da nebulosa questão da invisibilidade desse imigrante é a questão das fontes. Certamente não faltam fontes objetivas para tratar da presença dos portugueses no Brasil, tais como os extraordinários registros das Relações de Vapores que se encontram no Arquivo Nacional, entre outros. Ao contrário, acredito que haja uma exploração insuficiente das fontes existentes.

Porém, falo da necessidade de se produzir outro tipo de fonte, menos objetiva, mas igualmente rica—as fontes orais—e das suas múltiplas possibilidades de uso.

II

As fontes orais não são uma novidade no Brasil. Desde os anos 70, trabalhos baseados nesse tipo de fonte se tornaram comuns na Europa e nos Estados Unidos, relacionados em certa medida à crise dos paradigmas historiográficos pós-68, e ao boom da história da memória, tão bem caracterizado por Pierre Nora, no seu hoje clássico "Entre História e Memória. A Problemática dos Lugares de memória"[8]. No Brasil, os anos 90

8 Pierre Nora. "Entre Memória e história. A Problemática dos Lugares de Memória" IN Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do departamento de história da PUC-SP.

popularizaram o uso desse tipo de fonte em dissertações de mestrado e teses de doutorado, e também a constituição de acervos de entrevistas.

Ora, o recurso à metodologia oral relaciona-se a um mundo conflagrado por transformações profundas, cujas fronteiras econômicas e políticas têm sido constantemente redefinidas pelos fenômenos de mundialização da economia capitalista, da transnacionalização das empresas e das novas migrações em massa, e onde as identidades nacionais encontram-se em crise.

Assim, a explosão das questões étnicas em todo o mundo desenvolvido, isto é, o fenômeno do transnacionalismo e das transmigrações, têm proporcionado novos ângulos para historiadores, antropólogos e sociólogos pensarem o fenômeno imigratório, colocando em questão as interpretações tradicionais do grande movimento de emigração em massa ocorrido entre 1880-1930 e, inclusive comparando aquele processo imigratório com a atualidade das transmigrações.

É sob o prisma das negociações culturais, das questões da construção/ reconstrução das identidades nacionais, e das estratégias de adaptação de um grupo emigrado nas sociedades de acolhimento, que o uso das fontes orais tem se popularizado e tem se mostrado mais fértil.

As fontes orais conferem legitimidade ao fazer historiográfico justamente ao promoverem uma descentralização dos sujeitos históricos e trazerem para o centro da investigação grupos até então desprezados por uma prática histórica tradicional.

Longe de significar uma história panfletária, leva em consideração "o âmbito subjetivo da experiência humana" (Lozano, 1998), promovendo uma triangulação original e complexa entre as circunstâncias históricas que originaram a experiência imigratória, as representações do vivido e a experiência do historiador.(Côrte, 2002)

Sem dúvida, a metodologia oral remete o pesquisador ao nebuloso campo da experiência, onde o drama do viver é constante invariável. Da mesma forma leva-o a confrontar o problema das narrativas, invariavelmente carregadas das expectativas que o indivíduo ou o grupo teceu para si.

Ora, de acordo com Phlillipe Joutard nós agimos mais em função das representações do real que em função do real propriamente dito, de modo que as narrativas de histórias de vida representam como na prática as pessoas acreditam que experimentaram suas vidas(Joutard, 2000).

Assim, os relatos do vivido remetem o historiador diretamente ao emaranhado de contradições históricas em que os indivíduos se situam e decidem, permitindo a construção da investigação histórica a partir da ótica do conflito.

Com base nessas características, a fonte oral proporciona um fazer historiográfico muito mais original e vigoroso, que não apenas expande o universo teórico do historiador, como repercute na própria historiografia.

Portanto a ênfase no "âmbito subjetivo da experiência humana" implica na tessitura de uma narrativa histórica menos asséptica, e fundamentalmente polifônica e engajada, caracterizando-se pela politização do campo subjetivo da experiência, isto é, do âmbito da história da vida privada.

Outro ponto que deve ser destacado em favor do uso da metodologia oral, é a extraordinária capacidade que as entrevistas temáticas ou de histórias de vida têm de revelar as histórias intangíveis do cotidiano, sendo fonte fundamental para os adeptos de uma história do cotidiano.

É importante frisar que as novas abordagens sobre o cotidiano estão relacionadas à redefinição do âmbito do político promovido pela historiografia nas últimas décadas, deslocado da esfera do poder público para a esfera do privado, resultando na politização da vida privada, da cidade, das ações e dos espaços do cotidiano, como o trabalho, o lazer, a alimentação, as relações interpessoais, a rotina, e até atitudes e hábitos mentais (Matos, 2002).

Portanto a narrativa das histórias de vidas, em que pese o problema das representações, possibilita que venham a tona as "histórias até então intangíveis", as "múltiplas facetas do cotidiano", produzindo a "multiplicação das histórias residentes no âmbito do cotidiano"(Matos, 2002).

No caso da investigação de grupos imigrantes, importa dizer ainda, que a polifonia decorrente das histórias de vida, introduz o historiador, na complexa trama das negociações culturais, quando o grupo migrante, com ou sem laços formais e em meio a conflitos e disputas com outros grupos, nacionais ou estrangeiros, é obrigado a redefinir sua identidade, negociando tanto com a cultura da sociedade de origem como com a cultura da sociedade de acolhimento. (Côrte, 2002).

Posto isso, acredito que a produção de fontes orais através do recurso à metodologia da história oral possa representar um manancial inesgotável de informações sobre a inserção social e o cotidiano desse imigrante, multiplicando as possibilidades da pesquisa histórica sobre o tema.

III

No caso específico que estudei, o dos imigrantes madeirenses, no período entre 1930-1990, interessava-me saber como este grupo, invisível frente aos demais imigrantes portugueses, e cuja história remete à trajetória

particular de emigração na lha da Madeira, do século XV ao XX, vai construir sua identidade em Niterói, num período caracterizado por profundas transformações político-sociais, econômico e urbanas no Brasil e, em particular naquela cidade, onde um amplo conjunto de imigrantes de origens diferentes se estabeleceram.

A fim de apreender as ambigüidades desse processo, e as estratégias de sobrevivência tecidas pelo grupo na cidade, seu cotidiano e suas formas de organização, inserção e distinção social, elegi as fontes orais como o principal conjunto de fontes da pesquisa por acreditar que essas fontes cumpram o duplo papel de aproximar o historiador das representações que o grupo criou para si, da sua própria história; e por remeterem aos elementos cotidianos do grupo na cidade.

Foram arrolados aproximadamente 125 depoentes, 95% de 1a. Geração e que chegaram à cidade entre 1940 e 1960, alguns ainda ativos economicamente. Esses homens e mulheres, na ocasião, estavam numa faixa etária que variava dos 64 aos 80 anos, e pertenciam a diferentes grupos sociais.

No que se refere precisamente à metodologia aplicada foram trabalhadas histórias de vida nas entrevistas, destacando, por um lado, as trajetórias individuais dos membros do grupo, por outro, uma abordagem temática, onde questões comuns foram apresentadas aos depoentes, de diferentes idades, sexos e condições sociais..

As perguntas giraram em torno do ambiente que levou à imigração, incluindo aí as relações entre madeirenses e continentais; à entrada e desempenho do imigrante no mercado de trabalho da cidade e as relações sociais estabelecidas por eles, interna e externamente ao grupo.

A massa crítica gerada por essas informações, cruzadas com dados extraídos de outras fontes—as Relações de Vapores[9] e as fontes secundárias, permitiu a abordagem analítica e comparativa necessária, exigida pelo método historiográfico, ajudando a resgatar as particularidades do processo estudado e resultando nas respostas às perguntas iniciais.

Anote-se que a cidade de Niterói no período em destaque, vai congregar grupos distintos de imigrantes, especialmente italianos e judeus, transformando-se em cenário de conflitos acirrados pelo mercado de trabalho: o choque entre imigrantes e nacionais—em particular negros e

---

[9] Refiro-me às Relações de Vapores constantes do Arquivo Nacional. Cf. Côrte, Andréa. Op. Cit. 292-311.

mulatos; as rivalidades internas de grupos, como por exemplo, madeirenses e continentais; e o embate entre imigrantes de nacionalidades diferentes. Choques esses que serão amenizados pelo fato dos grupos imigrantes constituírem paulatinamente lugares econômicos diferentes na cidade, dedicando-se cada um a uma atividade comercial específica.

No caso em estudo, observe-se que Niterói, então a provinciana capital do estado do Rio de Janeiro, recebeu um grupo especial de madeirenses. Trata-se de um grupo que, para além da sua identidade universal de madeirense, possuía uma segunda identidade comum, à medida que são quase todos provenientes da mesma freguesia, a Ribeira Brava, guardando entre si laços da mais estreita familiaridade, o que, se por um lado, flexibilizou suas próprias relações, por outro, os particularizou ainda mais dentro do conjunto da imigração portuguesa em Niterói.

Cumpre dizer que a identidade universal de madeirense precede no discurso do grupo à identidade portuguesa, revelando um conflito de origem, re-atualizado na sociedade de acolhimento.

Ora, a análise das entrevistas revelou a existência de uma forte coesão nos discursos, o que definiu um perfil bastante fechado ao grupo. Nota-se uma enorme preocupação dos depoentes em serem fiéis às origem no cumprimento de rituais—quer o casamento, quer os preceitos católicos, ou na diferenciação com o continental, tanto pela incorporação de uma ideologia de trabalho árduo e privação sistemática[10](Martins, 1981), como pela evocação de rivalidades antigas na sociedade de acolhimento.

Da mesma forma, a construção de um discurso de fidelidade do grupo às memórias de origem, a preocupação em cumprir rituais, o jeito *"cada um pra si"*e da *"casa pro balcão"*[11], pouco solidário e fechado do grupo, revelado pelas entrevistas, caracterizou um estilo de vida que articulou esse grupo

---

10 Por ideologia do trabalho entenda-se aquilo que alguns autores brasileiros definem como "o mito da ascensão social pelo trabalho árduo e privação sistemática".Cf. Martins, José de Souza. O Cativeiro da Terra. ,SP, HUCITEC, 1981. Para a maioria dos imigrantes, o trabalho árduo e a poupança foram meios tanto de ascensão social como de integração á sociedade de acolhimento. Com os madeirenses não foi diferente, utilizada como discurso principalmente para diferenciar madeirenses e continentais.

11 Essas expressões, aqui entre aspas, são tiradas diretamente da fala dos depoentes. É assim que a maioria fala de si e do grupo, sendo poucos os depoentes que discordaram dessa idéia. Trata-se pois, de uma verdade que o grupo forjou para si.

invisível como um grupo étnico, definindo uma fronteira para com os demais grupos imigrantes, em especial os portugueses do continente[12].

Avessos à idéia associativa, ao contrário dos continentais que se enraizaram na cidade e constituíram diversas associações locais, os madeirenses em Niterói, encontraram na informalidade um modo de organização própria, desprezando repositórios culturais concretos.

Assim, em Niterói, o conflito de origem resultou na construção de lugares madeirenses na cidade. As profissões de leiteiro, carroceiro e quitandeiros constituíram-se tanto como lugares econômicos particulares dos madeirenses na cidade, como também em espaços étnicos, ou seja, fronteiras discriminatórias em relação aos continentais.

Já as mulheres do grupo, constituem um capítulo a parte dessa história. Parceiras incontestáveis de seus maridos no projeto imigratório, seu trabalho era um dos principais meios de acumulação de renda da família.

Impressiona nos relatos a tenacidade dessas mulheres que, após um dia estafante de trabalho em casa, cozinhando, lavando ou passando roupa para fora; no balcão substituindo os maridos, ou criando filhos, dedicavam-se à noite ao bordado, ofício que exige precisão e criatividade. Assim a jornada de trabalho feminino superava, em grande parte, ao trabalho masculino, pois estendia-se do amanhecer às madrugadas, quando enfim sobrava tempo para bordar.

Das inúmeras bordadeiras da Ribeira Brava que aqui se instalaram, algumas ganharam fama e constituíram pequenas empresas informais que congregavam uma enorme rede de bordadeiras, cuja origem comum, muitas vezes o parentesco ou a amizade prévia à imigração, garantiram a tradição do bordado na sociedade de acolhimento e fortes vínculos de solidariedade.

Tal qual uma rede o grupo madeirense em Niterói fez dos seus elos internos, a base para sua própria sobrevivência, descartando associações, acolhendo-se e suportando-se mutuamente, reproduzindo na cidade parte do ambiente da terra natal, o que reforçou sobremaneira sua identidade original, livrando-os, por uma lado, da ameaça da desnacionalização, quando

---

12 Para a análise do caso madeirense em Niterói utilizei como base os conceitos de invisibilidade de Abner Cohen; fronteira de F. Barth; e identidade contrastiva de Roberto Cardoso de Oliveira. As referências completas são as seguintes: Cohen, A. "Organizacões Invisíveis" in O Homem Bidimensional, Zahar, s/d; Barth, F.(org) Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference. Boston: Little Brown , 7Co., 1969.; Oliveira , Roberto Cardoso de. "Identidade Étnica, Identificação e Manipulação", in Identidade Etnia e Estrutura Social. SP, Livraria Pioneira, 1977.

instados a naturalizarem-se brasileiros, fato que poderia facilitar sua ascensão social; por outro, da ameaça da dês-regionalização na disputa com os continentais.

Par e passo com a elaboração das suas fronteiras, o grupo parte para a construção da sua identidade na sociedade de acolhimento, transformando a cidade em sua moradia, cúmplice na sua jornada de ascensão social. A existência de uma relação de parceria, pois, contribuiu, de um lado, para a reprodução da sociabilidade primitiva, ligada à Ribeira Brava e, de outro, para o desenvolvimento da malha urbana da cidade.

IV

A partir do exposto, acredito de forma inconteste que o recurso a metodologia oral possa preencher parte considerável do clarão existente na historiografia sobre o tema, representando um importante caminho para a análise da presença portuguesa no Brasil.

Para tanto, a criação de um centro de memória com a formação de um acervo de entrevistas com imigrantes lusos não seria uma idéia descabida, visto que poderia reverter o "aparente desinteresse" pelo tema e estimular novos pesquisadores a estudar esse processo imigratório.

A constituição de acervos de depoimentos a partir de severa orientação metodológica e técnica, e acompanhado dos cuidados jurídicos indispensáveis para o seu uso e reprodução, e da realização de transcrições dessas fontes podem facilitar a vida dos pesquisadores, uma vez que a fonte primária estará devidamente tratada, restando ao pesquisador do presente e do futuro, o trabalho de análise do seu conteúdo.

Assinale-se que um centro de memória além de produzir fontes primárias pode ser também um lugar onde os pesquisadores do tema poderão depositar suas entrevistas, disponibilizando suas fontes para os demais pesquisadores, e debater idéias sobre esse processo. Certamente tal iniciativa repercutirá uma nova historiografia da imigração portuguesa.

Entrementes, um acervo de depoimentos, é antes de tudo um acervo de memória, compreendendo outros objetivos, como o próprio resgate e conservação de uma determinada experiência histórica. Assim, a coleta de depoimentos de imigrantes de 1a, ou 2a. geração, representa fundamentalmente a salvaguarda da memória de um determinado grupo para a posteridade, o que significa também reconhecer a importância histórica do grupo para o país ou região.

É preciso admitir que a idéia de salvaguardar a memória de grupos imigrantes, e no caso dos portugueses, chega com bastante atraso. E que atraso! Onde encontrar imigrantes vivos, que chegaram no movimento da grande imigração do período 1870-1930? Se a morte sepultou definitivamente a possibilidade dessas pessoas de prestarem seus depoimentos, inúmeros imigrantes do período seguinte—1930-1960 podem dar seus testemunhos, assim como filhos e netos, o que possibilitará algo mais que a análise da inserção social, das estratégias de sobrevivência individuais e coletivas, mas também análises das transformações geracionais dessas famílias de imigrantes.

Outra finalidade do centro de memória é a de receber documentação escrita e iconográfica, todos os tipos de suportes de memórias que conservem a experiência de um grupo social.

Indispensável dizer que um centro de memória demanda espaço, pessoal especializado e linhas de financiamento que possibilitem a concretização de seus objetivos. Salas apertadas, trabalho voluntário e falta de equipamento inviabilizam esse tipo de estrutura.

Enfim, por tudo que foi dito, acredito que a constituição de um centro de memória da imigração portuguesa com um acervo de depoimentos de imigrantes lusos poderá dar maior visibilidade a esse grupo, repercutindo finalmente numa nova e abundante historiografia.